

os dezenove milhões de nomes de maria camaleão: pedro lemebel no brasil colonial-técno-digital-ficcional do século vintchy-um

DOI: 10.33871/sensorium.2024.11.9871

debora pazetto¹
nestor varela²

resumo: este trabalho propõe uma leitura travestida do texto “os mil nomes de maria camaleão”, de pedro lemebel, em articulações com outras referências artístico-teóricas. dois textos são desenvolvidos paralelamente – o de nestor no corpo do texto e o de debora nas notas de rodapé – para dialogar sobre corpos queer/cuir e seus processos performativos de nomeação como estratégia política de existência e sobrevivência. as estéticas e políticas queer/cuir são acionadas como operação de apropriação de discursos violentos endereçados a corpos dissidentes como forma de desestabilização das normas. o texto se encerra com um exercício de arte batismal: uma nova seção para a lista de apelidos apresentada por pedro em seu texto original, com uma atualização autoficcional de nomes, adjetivos e referências que se destacam na vivência de corpacuirs dissidentes em um interior suleado no brasil colonizado inserido na ficção-técno-digital no século vintchy-um.

palavras-chave: performatividade; linguagem; nomeação; apelido; cuir;

¹ debora pazetto é artista e docente na área de teorias das artes na graduação em artes visuais e na linha de processos artísticos contemporâneos no programa de pós-graduação em artes visuais da udesc. tem graduação em filosofia e em artes visuais, mestrado e doutorado em filosofia da arte. sua atuação transversal (teorias e processos) deriva de pesquisas em teorias queer/cuir, pensamento sapatão e arte drag, que se encontram na dissidência em relação aos binarismos coloniais, incluindo teoria x prática. seus trabalhos se materializam nos campos da escrita instalada e da palestra-performance. além de conspirar junto às potências políticas dos corpos, eles investigam dispositivos acadêmicos – como o periódico, o simpósio/colóquio, a banca, o plano de ensino – enquanto plataformas performáticas. florianópolis, santa catarina, brasil. lattes: <http://lattes.cnpq.br/8292039196009295>. orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7837-027x>. e-mail: deborapazetto@gmail.com

² nestor varela. mestrando em artes visuais na linha processos artísticos contemporâneos do programa de pós-graduação em artes visuais (ppgav) da universidade do estado de santa catarina (udesc), florianópolis, santa catarina, brasil. tecnólogo em fotografia pela universidade do vale do itajaí (univali), itajaí, santa catarina, brasil. artista visual, produtor e mediador cultural. florianópolis, santa catarina, brasil. lattes id: <http://lattes.cnpq.br/9776262435266447>. orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4970-0692>. e-mail: nestorvarela.arte@hotmail.com

the nineteen million names of maria chameleon: pedro lemebel in the colonial-technodigital-fictional brazil of the twentch-one century

abstract: this work proposes a ‘transvested’ reading of the pedro lemebel’s text "the million names of maria chameleon", in articulation with other artistic-theoretical references. two texts are developed in parallel – one by nestor in the main body of the text and another by debora in the footnotes – to dialogue about queer/ cuir bodies and their performative naming processes as a political strategy for existence and survival. queer/ cuir aesthetics and politics are activated as an operation to appropriate violent discourses addressed to dissident bodies, in an effort to destabilize the norms. the text ends with a baptismal art exercise: a new section for the list of nicknames presented by lemebel in his original text, with an autofictional update of names, adjectives and references that stand out in the experience of dissident cuir bodies in a southern interior in colonized brazil inserted in the techno-digital-fiction of the twentch-one century.

keywords: performativity; language; naming; nickname; queer.

los diecinueve millones de nombres de maría camaleón: pedro lemebel en el brasil colonial-tecno-digital-ficcional del siglo veinti-uno

resumen: este trabajo propone una lectura travestida del texto "los mil nombres de maría camaleón", de pedro lemebel, en articulación con otras referencias artístico-teóricas. se desarrollan en paralelo dos textos – el de nestor en el cuerpo del texto y el de débora en las notas al pie – para dialogar sobre cuerpos queer/ cuir y sus procesos performativos de nombramiento como estrategia política de existencia y supervivencia. las estéticas y la políticas queer/ cuir se activan como operación de apropiación de discursos violentos dirigidos a cuerpos disidentes, en un intento de desestabilizar las normas. el texto finaliza con un ejercicio de arte bautismal: una nueva sección para la lista de apodos presentada por pedro en su texto original, con una actualización autoficcional de nombres, adjetivos y referencias que destacan en la vivencia de los cuerpos-cuir disidentes en un interior sureño en el brasil colonizado inserto en la ficción-tecno-digital del siglo veinti-uno.

palabras clave: performatividad; lenguaje; nombramiento; apodo; cuir.

quando nasci, me deram o nome do meu pai. minha mãe conta que quando estava grávida de mim disse que ‘se fosse menino receberia o nome do pai’. nasci boiola, e mesmo assim herdei o nome: nestor varela + junior. fui escolhida - como muitos outros - para carregar essa marca indelével de minha ancestralidade macha - esse nestor junior - para o resto da vida. e carrego, mas transvisto.

a bicha chilena terceiro-mundista, pedro lemebel, o segundo de seu nome³, transvestiu em palavras as estratégias de viados, bichas, boiolas, homossexuais, gays, de performarem nomeações camaleônicas entre si, desarmando assim a herança do batismo patriarcal. pedro arreganha este método no texto “los mil nombres de maría camaleón”, publicado originalmente no livro loco afán, no chile em 1997 e traduzido para o brasil apenas em 2023, como parte da antologia poco hombre: escritos de uma bicha terceiro-mundista. aqui proponho uma expansão-autoficcional de “os mil nomes de maria camaleão”. coloco minha corpa em palavras e realizo um intercâmbio multilinguístico com a sua escrita.

no início de seu texto, pedro nos diz que:

o zoológico gay parece escapar continuamente da identidade [...] [em] sua errância clandestina pelo calendário das ruas onde se encontram casualmente, onde se cumprimentam sempre inventando apelidos e alcunhas que narram pequenas crueldades, caricaturas zoomorfas e episódios engraçados. uma coleção de codinomes que ocultam o rosto batismal [...] (lemebel, 2023, p. 262).

tomo a liberdade aqui, para realizar um deslocamento temporal, espacial e político-social desse babado exposto por pedro. essa estratégia de nomeação divide origens comuns com corpos desobedientes de gênero, travas e travestis que realizam seus batismos nas catedrais dos becos e vielas. diria ainda que esse truque de codinomes cifrados pertence a um comportamento cuir/queer de corpos marginais e deslocalizadas⁴.

³ é pedro como seu pai, o segundo de seu nome, mas é lemebel como sua mãe, sobrenome que adotou no final dos anos oitenta como gesto de aliança com o feminino. eu também adotei o sobrenome materno, pazetto, como fuga da patrilinearidade, mas quem faz isso raramente consegue fugir por mais de uma geração. é nome do pai de minha mãe que carrego, uma ancestralidade macha que não tenho o menor desejo de homenagear. o sobrenome lemebel é bem mais radical, já que foi inventado pela mãe da mãe de pedro quando ela fugiu de casa na juventude. não é apenas o feminino que homenageia, mas a rebeldia feminista que foge da casa do pai ou do marido, que inventa o próprio nome e a própria vida longe do roteiro domesticante das culturas machas. ou então a rebeldia feminista que nasce na invenção de uma maneira oblíqua de fazer política na ausência do macho, na tagarelice das vizinhas que constroem e desconstroem a sociologia do bairro e do país entre pontos de crochê ou vassouradas, “tramando a política linguaruda desde sua doméstica conspiração” (lemebel, 2023, p. 353). é dessa política linguaruda e tagalera das mulheres – obviamente não me refiro a mulheres enquanto mito, como diria wittig, mas enquanto classe – que nasce a “dança sem censura da língua” (lemebel, 2023, p. 353) que funda as bases da nomeação zombeteira e camaleônica do “zoológico gay”, da “poética do apelido gay” (lemebel, 2023, p. 263)? cito duas vezes esse “gay” propositalmente, para poder pontuar que não é o gay homossexual masculino que cria essa cultura, mas a bicha loca das ruas, a viada, a travesti, como a própria pedro. é essa bicha clandestina que poderia aprender com as mulheres – obviamente não me refiro a mulheres enquanto biologia, como diria ciber_org, mas “enquanto a primeira sexo-gênero dissidência da história da produção das diferenças no ocidente” (ciber_org, 2024, s.p.) – a reafirmar a alegre clandestinidade de uma linguagem historicamente, sistematicamente, violentamente proibida.

⁴ lembra da palestra da amara moira que assistimos no seminário estéticas e artes contra-coloniais: confluindo práticas e saberes, na ufmg? ela contou a história do bajubá, a linguagem criada pelas travestis, de um jeito incrível, mostrando as possíveis origens e o significado de várias palavras. uma das coisas que mais me marcou foi quando, depois que ela mencionou diversas vezes que o bajubá é uma linguagem cifrada, criada na marginalidade da rua como um meio de comunicação impenetrável para a comunidade externa – ou, como você gosta de dizer: um código –, alguém da plateia perguntou: e você não acha problemático vir aqui decifrar essa linguagem para um público externo? ao ensinar essa linguagem em palestras, traduções e livros, você não

a bixa não-binária mostra errátik brasileira jota mombaça narra no início de seu texto ‘não se nasce mostra, tampouco se torna uma’, sobre uma determinada experiência de violência linguística vivida por seu corpo, enquanto se deslocava com um grupo formado por desobedientes de gênero em uma virada de ano, ela diz:

“eu estava vestindo botas pretas com saia curta e camiseta e caminhava displicentemente como se fosse um direito meu vestir-me e portar-me daquela maneira. [...] ao passar por um bar, um homem (cis) gritou contra mim, sem que eu houvesse sequer me dirigido ou olhado para ele: “aberração!”.” (mombaça, 2017, p.17).

esta ação revela o disparo de uma nomeação violenta, projetada por aqueles que acreditam possuir este direito, contra uma corpa que foge do que eles consideram ser a norma, são eles os ditadores da cisheterobranconormatividade. nessa guerra de linguagem as palavras tornam-se projéteis de destruição, as letras são compostas em diferentes combinações para produzir desconforto e humilhação.

o campo de batalha onde dançamos essa guerra é o corpo. e se trata [...] de uma guerra contra o corpo – na medida em que o corpo (todo corpo) é sempre já corpo-colônia: terra invadida e ocupada pelas forças da colonialidade, do capitalismo necropolítico e biopolítico distópico, do racismo antinegro e das supremacias branca e cisgênera. (mombaça, 2017, p.17-18).

os usos políticos da nomeação cuir/queer buscam fazer avesso nos versos de um discurso excludente e opressor. a travesti brasileira a(r)tivista vi grunvald, costuma dizer que “quando tiramos do opressor o poder de nos nomear, estamos tirando dele uma de suas armas mais fortes, já que negamos sua capacidade de definir nosso lugar no mundo por meio de uma nomeação.” (grunvald, 2017, p.23). isso configura uma ideia de performatividade, que opera por meio da linguagem, na maneira que colocamos o mundo em discurso, em como nos apropriamos de nomeações violentas projetadas contra nossas corpos e sacamos a navalha guardada embaixo da língua para rebatê-las. dizemos sim sou a aberração, sim sou a mostra, sim sou aquela que vai derrubar tudo o que vocês conhecem⁵.

a está desinstrumentalizando enquanto código? a pergunta era boa e a resposta da amara foi melhor ainda. ela disse que o bajubá, como toda existência marginalizada, se transforma continuamente. ele jamais pode ser ensinado de maneira formal ou por escrito, porque esse processo é muito mais lento do que a dinâmica transformacional da língua nas ruas. o bajubá que a academia pode vir a conhecer é aquele que já não se usa (cito de memória). fiquei pensando muito sobre esse babado do ciframento. é verdade que tem esse aspecto de criar estratégias de comunicação em meio a existências proibidas, como vemos nas visualidades cifradas da arte lésbica do século xx, por exemplo. mas também percebo um desejo de fugir da linguagem dominante, de criar signos na fissura dos idiomas instituídos pelo colonialismo racista cisheteropatriarcal. o que move nossas poéticas deslinguadas, como diria val flores? a cifra como desejo de uma linguagem inassimilável ou a cifra como desejo de não ser assimilado pela linguagem?

⁵ “nós vamos destruir tudo que você ama/ e tudo que c chama “amor”/ nós vamos destruir / porque c chama “amor à pátria” / o que é racismo / c chama “amor a deus” / o que é fundamentalismo / c chama “amor pela família” / o que é sexismo homofóbico y / c chama transfobia de “amor à natureza” / c chama de “amor pela segurança” / o que é militarismo / y o capitalismo c chama de “amor pelo trabalho” / o que c chama de “amor à humanidade” / é especismo, y esse seu “amor pela palavra” / na real é só um caso histórico de má-tradução — que conveniente, chamar deus de “ele”, mas se liga: nós somos seu apocalipse cuíer. y o que c chama de / “amor pela liberdade”, “pela justiça”, toda / essa sua ideia de “civilização” é / assassinato, é genocídio / quer matar tudo / que ri, que goza, que dança / quer matar a gente” (tatiana nascimento, trecho de *apocalipse queer ou cuíer a.p. (ou oriki de shiva)*). cito um trecho dessa poesia porque percebo que aqui a tatiana faz algo mais radical do que a estratégia básica do cuir de transformar o insulto na identidade orgulhosa, no “sim, sou a mostra”. ela vai além disso, revelando a linguagem dominante como insulto disfarçado (insulto às existências). o que ela faz não é apenas uma apropriação desviada da linguagem, mas um desmascaramento

essa apropriação dos discursos operados pelo mundo não ocorre de forma apenas reflexiva:

“há toda uma alegoria barroca que empluma, enfeita, traveste, disfarça, teatraliza ou castiga a identidade através do apelido. [...] adjetivos e substantivos rebatizados constantemente de acordo com o estado de espírito, a aparência, a simpatia, a birra ou o tédio do clã sodomita sempre disposto a reinventar a festa, a especular incansavelmente a semiótica do nome.” (lemebel, 2023, p. 262-263).

o deslocamento dessas nomeações é ‘pura pose’ é ‘puro silicone lírico’. é cirurgia plástica de palavras em uma corpa coletiva, fluída e flexível, que se monta à medida que se encontra. essa poética “transcende a identificação, desfigura o nome [...], simula um parecer que inclui temporariamente muitos outros, centenas de outros que em algum momento atendem pelo mesmo codinome” (lemebel, 2023, p. 263)⁶.

nesta montagem drag de nomeações existe para tudo “uma metáfora que ridiculariza embelezando o defeito, tornando-o próprio, único.” (lemebel, 2023, p. 264). a corpa é maquiada pelo jogo de palavras, aquilo que deseja tornar-se invisível é posto em evidência e torna-se motivo de celebração e gozação – em todos os sentidos da palavra –. “[...] a superexposição daquela sombra que se grita e chama e se nomeia incansavelmente, aquele apelido que no início dói, mas que depois faz até a própria vítima rir, a longo prazo se mimetiza com nome verdadeiro, num rebatismo de gueto.” (lemebel, 2023, p. 264).

é importante lembrar que essa tática de performatividade de nomeações acontece por meio de estratégias auto-ficcionais e de criação ficcional de comunidade, alimentadas por redes coletivas de afetos. o local de onde se enuncia carrega o tom, o peso e a cor da fala. quem nos dirige a palavra e como o faz cria toda a mise-en-scène deste babado. nos afirmarmos pelas nomeações também revela-se como uma estratégia de (r)existência. a loca, escritora e chicana, gloria anzaldúa, nos diz que:

“[...] adjetivos são uma forma de coagir e controlar. [...] meu rotular a mim mesma é para que a chicana e lésbica e todas as outras pessoas em mim não sejam apagadas, omitidas ou assassinadas. nomear é como eu faço minha presença ser conhecida, como eu afirmo quem e o que eu sou e como quero

ético da linguagem dominante: nós vamos destruir suas palavras. nós vamos virar a língua de cabeça para baixo, como o mapa.

⁶ há outra lista de nomeações surgida das profundezas da cultura transviada chilena que não podemos deixar de mencionar. hija de perra debocha da necessidade colonialista de criar marcações para identificar taxonomicamente o desejo. diante dos teóricos de gênero, que pretendem criar um “nome botânico para minha mirabolante espécie achincalhada como minoritária” (hija de perra, 2015, p.3), hija pergunta, de algum modo apontando a colonização epistemológica embutida na própria teoria queer quando esta aterrissa na américa latina:

“serei uma travesti sodomita lésbica ardente metropolitanizada?

serei uma bissexual afeminada em pecado com traços contra sexuais e delírio de transgressão à transexualidade?

serei uma tecno-mulher anormal com caprichos ninfómanos multissexuais carnis?

serei um monstro sexual normalizado pela academia dentro da selva de cimento?

serei uma vida castigada por deus por invertida, torta e ambígua?

serei um homossexual ornamentadamente empetecada, feminina, pobre, com inclinação sodomita capitalista?

serei uma travesti penetradora de buracos voluptuosos dispostos a devires ardentes?

serei um corpo em contínuo trânsito identitário em busca de prazer sexual?” (hija de perra, 2015, p.4)

ser conhecida. nomear a mim mesma é uma tática de sobrevivência. (anzaldúa, 2021, p 129)⁷.

performar as nomeações requer uma relação íntima ou próxima com quem se fala. seja pela intimidade do afeto ou pelo reconhecimento em compartilhar uma experiência de vivência em cuirmunidade. em entrevista televisiva, pedro responde pedro carcuero após o mesmo lhe nomear como gay:

“não gosto de "gay" [...] veja só, "gay", a palavra "gay" no local que eu moro... eu moro em um bairro que não é um condomínio, é um bairro da zona sul de santiago. então o pessoal não entende isso de gay. - não é sinônimo. - esse negócio de "gay" são poucas pessoas que entendem, sabe? aí eu falo "sou gay" e as pessoas falam "que bom". tem outros jeitos, há uma variedade (folclóre), mas em tua boca, seria homofóbico. eu posso falar. é como as putas, que se

⁷ quero inserir um argumento mais complexo aqui. nesse trecho que você cita, a glória está discutindo uma diferença que ela propõe entre marcação (feita pela linguagem dominante) e nomeação (feita por si ou pelas suas). mesmo que as palavras sejam as mesmas – loca, escritora, chicana, lésbica –, “marcar é sempre rebaixar (...) as razões deles são marginalizar, confinar, conter. meu rotular a mim mesma é para que a chicana e lésbica e todas as outras pessoas em mim não sejam apagadas, omitidas ou assassinadas” (anzaldúa, 2021, p. 129). perfeita. mas quero propor, além da diferença entre marcação e nomeação, uma diferença entre a tática da nomeação e a tática do apelido, fazendo glória encontrar lemebel em alguma esquina. na verdade, o encontro pode acontecer no começo do texto da glória, quando ela escreve o seguinte: “lésbica não nomeia nada em minha terra (...) me chame de loquita, jotita, marimacha, pajuelona, lambiscona, culera – essas são palavras que cresci ouvindo. eu posso me identificar como sendo una de las outras ou uma marimacha, ou mesmo uma jota ou uma loca (...) ou com o termo náhuatl patlache” (anzaldúa, 2021, p. 126-127). (primeiro, veja como esse comentário da glória é extremamente parecido com o que lemebel fala na entrevista que você cita no seu próximo parágrafo: “veja só... a palavra gay no local que eu moro...”). meu ponto é que essa enxurrada de apelidos para sapatonas não está no campo da marcação, nem da nomeação, no sentido da nomeação enquanto tática de sobrevivência, na qual, a despeito da fluidez dos nossos desejos e identidades e das nossas diversidades culturais, aceitamos encampar uma lettrinha da sigla lgbtqiapn+ para lutar pelo básico. jotita, marimacha, lambiscona estão muito mais próximas dos mil nomes de maria camaleão, da coleção de codinomes das ruas, do que de siglas ajuntadas e instituídas ou de um termo guarda-chuva, como queer. glória, inclusive, prossegue no argumento de forma surpreendente: “quero poder escolher como me nomear, mas se tenho que escolher um rótulo identitário na língua inglesa eu escolho dike ou queer, palavras de classe operária (...) às vezes precisamos desse guarda-chuva para solidificar nossas trincheiras contra intrusos” (anzaldúa, 2021, p.127). digo que é surpreendente porque aqui na américa do sul temos uma noção de que queer é um termo esnobe, universitário, teórico, branco (e aqui, de certo modo, é mesmo), o que torna muito interessante ler uma autora como glória – uma precursora não reconhecida do pensamento queer, diga-se de passagem – tratando a palavra como sendo de origem operária. todavia, o centro do argumento está nessa distinção entre as vantagens táticas de um termo guarda-chuva, por um lado, e as mil possibilidades de apelidos que ouvimos pelas ruas, por outro. e aí, novamente aqui na américa do sul, não temos esse tal termo guarda-chuva. por isso todo o drama teórico em torno da impossibilidade de traduzir a palavra queer, de como várias tentativas de tradução acabaram privilegiando a homossexualidade masculina, de como no fim achamos melhor sublinhar orgulhosamente nossa geografia pelo sotaque: cuir, cuier, kuir. ok, mas a grande questão é: precisamos disso? estamos em uma conjuntura política que solicite um termo guarda-chuva para solidificar nossas trincheiras contra intrusos, como nos EUA dos anos 80? não. para fins de políticas públicas, aqui a sigla funciona bem melhor, e para fins de pensar nossas identidades os desidentificações específicas, a tática do apelido é bem mais gostosa. para exigir algo do estado, eu visto o l sem problemas, mas o que sou mesmo é sapatão, sapa, fancha, caminhão, do brejo, hari, tuxa, caminhoneira. então pra que esse queer/cuier que ficamos usando nas pesquisas acadêmicas e nos títulos de trabalhos de arte? ora, o interesse não é pela palavra, mas pela operação. pela operação de pegar as palavras pelos chifres, como diz a vi grunvald. a operação de transformar a violência em purpurina, como diz você. alguém aqui já foi insultado de queer? não. mas dos apelidos que estão na lista da pedro ou na sua lista sim, com certeza. eu sei que a lista vai além disso, do mundo dos insultos apropriados, e prossegue fazendo girar a engrenagem da nossa própria cultura sapatransviada contemporânea, do nosso affaire boiola fofoqueire e transconectado a aplicativos e memes. mas o que quero dizer, no fim das contas, aqui na esquina em que me encontro com você, glória e lemebel, é que bem mais queer do que o nome queer é uma lista aberta e trocista que castiga a identidade através do apelido.

chamam entre elas e isso não dói para ninguém. [...] então essa variedade infinita de nomes, de alguma forma, produzem identidade de uma homossexualidade popular e chilena.” (Iemebel, 2019).

a estratégia da nomeação acontece por meio da relação com o outro. a leitura rápida, ágil e afiada é baseada em um reconhecimento de abertura íntima. a palavra proferida como violenta pela boca dos homofóbicos é travestida e vira purpurina nos nossos lábios. “aqui estão alguns [nomes], apenas e exclusivamente a título de amostra, resgatados das águas profundas da cultura viada” (Iemebel, 2023, p. 265), escreve Pedro, na apresentação de sua lista. em seguida, comenta que a lista cresce à medida que a moda dita estrelas com algo do gosto e do affaire boiola, à medida que um estoque de nomes se torna mais útil para camuflar a marca paterna⁸.

proponho aqui uma nova seção, para a lista-amostragem cunhada por Pedro. afinal, a lista cresce à medida que as ruas produzem seus batismos banhados pelas luzes amarelas dos postes, à medida que as categorias se borram e precisam ser revisadas, à medida que novas piadas se fazem necessárias para suportar o peso de se viver no antropoceno, à medida que o hackeamento da informática da dominação se faz ainda mais urgente, à medida que o tempo passa e nos encaminhamos rumo a um novo mundo, à medida que linguagem se transmuta e tudo aquilo que conhecemos já não faz mais sentido. concebo uma lista autoficcional de nomeações perpassadas pelas experiências de minha corpacuir-bixa-trans-não-binária-viada, nascendo e vivendo no interior colonizado do sul do Brasil, no cenário de desmanche cultural, na era da internet, das cyberconexões, da violenta globalização, do imperialismo cultural do norte global, no novo milênio, no século vintchy-um, na década de vintchy. jogo na roda os afetos íntimos do meu espaço pessoal, as nomeações presenteadas por aquelas que estão próximas de mim, os ícones históricos da construção desta vida em comunidade elegetecuirapeenemais, as divas, as referências, as category, os memes, aquelas que não devem ser esquecidas, aquelas que devem ser celebradas, aplaudidas e comemoradas. essa lista não dá conta de si, ela é viva “e pro seu desgosto está sempre em desconstrução” (da quebrada, 2017), se atualizando, se transformando, se transmutando continuamente até o derradeiro fim da linguagem⁹.

⁸ coloco aqui a lista de Pedro, antes da tua, pelo interesse nas diferenças entre as águas profundas da cultura viada do Chile anos noventa, recém democratizado/neoliberalizado, em meio à crise da aids, e as águas profundas da cultura viada da década de vinte do segundo milênio, desde o sul do Brasil, hiperconectada via redes sociais e apps de pegação. a lista de Pedro: a desesperada / a primeiro de maio / a quando não / a quando nunca / a sempre aos domingos / a Maria Silicone / a Maria Sapatão / a Maria Marofa / a Corta-vento / a Shibarista / a Maricombo / a Maripepa / a Lola Flores / a Sara Montiel / a Carmen Sevilla / a Carmen Miranda / a Maria Félix / a Bichona da Bolsa / a Bichona do Pinheiro / a Bichona do Piano / a Bichona do Coque / a Biba do Beco / a Multiuso / a Freio de Mão / a Freada na Cueca / a Moderninha / a Outra / a Mona Lisa / a Bola Gato / a Pé-de-chinelo / a Pão-com-ovo / a Metidinha / a Dondoca / a Cu Doce / a Chumilou / a Trólebus / a Cláudia Escândalo / a Lola Puñales / a Cu de Ferro / a Bicha de Sete Cabeças / a Compra Almas / a Passa Cheque / a Pede Fiado / a Nem a Pau / a Nem Fudendo / a Perestroika / a Paulatina / a Dois de Paus / a Pau pra toda obra / a Bate-estaca / a Penetra / a Tranca Cu / a Bunda Chata / a Bunda Rouca / a Abelha Maia / a Gilda / a Lá Vai / a Lá Vem / a Esperança Cor-de-Rosa / a Bim Bam Bum / a Carimbadora / a Peguete / a Lola / a Rose / a Denise / a Suzy / a Terê / a Duda / a Lú / a Rô / a Bambi / a de Salto Alto / a Saca-rola / a Chupeteira Oficial / a Bicha Paponá / a Santinha do Pau Oco / a Centrifuga / a Boca de Caçapa / a Furadeira Elétrica / a Plumas e Paetés / a Denorex / a Krugger / a Baconzitos / a Ninja / a Karatê Kid / a Me Chama que eu Vou / a Dente de Leite / a Bunda Assassina / a Chave de Buzanfa / a Dona Chica / a Dona Chuca / a Maria Mistério / a Maria Sombra / a Maria Perigo / a Maria Azetê / a Maria Sarcoma / a Zuleika Posi / a Cidinha / a Dama-da-noite / a Comigo-Ninguém-pode / a Vem-seremos / a Quem te viu, te hiv / a Hivelha / a Hivirgem / a Aids Aegypti / a Sui-sida / a Inseti-sida / a Ven-sida.

⁹ distorcendo Mark Fisher: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim da linguagem. fim por fim, finalizo aqui meu texto-rodapé retomando os argumentos que desenvolvi na nota 7 para concluir que: por um lado, essa distinção entre marcação x nomeação que vemos na glória (e que também podemos detectar, transformada em deboche, na listinha de marcações-nomeações da filha de perra) e, por outro lado, a distinção que proponho entre tática da nomeação x tática do apelido, no encontro entre Pedro e glória, podem ser ferramentas analíticas interessantes para reflexões sobre poéticas cuir latino-americanas. tua lista, que vem

| | |
|---------------------------------|--|
| a nestor | a roberta close |
| a nestora | a rogéria |
| a junior | a laerte |
| a que matou o júnior | a nanny people |
| a que quebrou a costela de adão | a erika hilton |
| a evaedão | a erica malunguinho |
| a jocosa | a duda salabert |
| a laos | a viviany beleboni |
| a laura | a leona vingativa |
| a mathý | a tchesca albernaz |
| a joanna | a veneno |
| a guilherme | a ¿ pues yo qué soy ? ¡ pues un semáforo ! |
| a rudá | a paca la piraña |
| a debora | a valeria vegas |
| a agrippinna manhattan | a lola rodriguez |
| a amara moira | a dominique jackson |
| a xica manicongo | a mj rodriguez |
| a lacraia | a indya moore |
| a vera verão | a angelica ross |
| a jorge lafound | a sylvia rivera |
| a matheusa passarelli | a marsha p johnson |
| a cláudia celeste | a lili elbe |

logo a seguir, é um ótimo exemplo, pois traz diversos elementos que venho tentando tatear nessas poéticas: o deboche das marcações como recusa à assimilação pela linguagem dominante; o desejo por uma linguagem cifrada, interna à comunidade; o orgulho irônico das identificações monstruosas e mirabolantes; o processo de virar a língua de cabeça para baixo ou destruir as palavras como forma de desmascaramento ético da linguagem dominante; o resgate de ancestralidades cuir latino-americanas; a cultura da multiplicidade de apelidos que sobrepassa a política do termo guarda-chuva; a disponibilidade para criações coletivas ou que ocorrem junto ao compartilhamento de saberes coletivos; as estéticas plurais, múltiplas, transformacionais, transmutantes, debochadas, debochadas y debochadas.

| | |
|-------------------------|----------------------------------|
| a márcia pantera | a donna summer |
| a silvetty montilla | a tina turner |
| a miss biá | a janet jackson |
| a rupaula | a grace jones |
| a divine | a whitney houston |
| a elke maravilha | a gloria gaynor |
| a linn da quebrada | a i will survive |
| a linda e quebrada | a celine dion |
| a jup do bairro | a britney |
| a ventura profana | a gaga |
| a vulcanica pokaropa | a lirou monster |
| a jaloo | a queen bee |
| a urias | a riri |
| a liniker | a katy |
| a majur | a i kissed i girl and i liked |
| a candy mel | a arca |
| a vanusa | a sophie |
| a filipe catto | a imaterial girls imaterial boys |
| a johnny hooker | a mÿss keta |
| a bianka nicole | a irmãs brasil |
| a danny bond | a castiel vitorino |
| a mulher pepita | a lyz parayso |
| a irmãs de pau | a efe godoy |
| a ela têm pau | a rosa luz |
| a pabllo também tem pau | a renata carvalho |
| a madonna | a pedro almodóvar |
| a cher | a pedro lemebel |
| a diana ross | a fransico casas |

| | |
|--|---|
| a yeguas del apocalipse | a caminhão |
| a nestor perlongher | a caminhãzinho |
| a nestor latrocínio | a fancha |
| a francisco mallmann | a fanchona |
| a nathanël | a marimacha |
| a paul preciado | a cola velcro |
| a glória anzaldua | a entendida |
| a hija de perra | a invertida |
| a jota mombaça | a selvática |
| a abgail campos leal | a sáfica |
| a monique wittig | a safista |
| a girino | a preula |
| a sapa | a racha |
| a sapata | a amapô de carne osso silicone industrial navalha na boca calcinha de fio dental |
| a sapatão | a xis |
| a sapatona | a cansei de ser cis |
| a sapateco | a que história é essa que você virou uma cis |
| a sapadrão | a uma mulher depois de velha virar cigênera ? jureminha |
| a sapatilha | a trava |
| a sapatênis | a trava vitoriosa |
| a sapatransviade | a trava titânica |
| a sapa raivosa | a trava elétrica |
| a lésbica futurista sapatona convicta eu não vou deixar a inveja me abalar pra sempre | a travesti |
| a lésbicas putas lésbicas sem culpa | a bato palmas para as travestis que lutam para existir e a cada dia conquistar o seu direito de viver brilhar e arrasar |
| a lésbicas rumo a uma nova era de classe elegância amor e tesão | a toque nos meus seios e diga que sou andrógena |
| a felizmente sigo sapatona não tenho porque ter vergonha da minha verdade e honra | a quenda-neca |
| a caminhoneira | |

| | |
|---|--|
| a transviada | a bichona |
| a desviada | a bicha atacada |
| a aberração | a bicha babadeira |
| a monstra | a bicha baixa |
| a corpo sem juízo | a bicha conceito |
| a livre expressão ambulante | a bicha destruidora |
| a não binária | a bicha fina |
| a enebe | a bicha chata |
| a elegebetecuirapeenemais | a bicha chique |
| a gls | a bicha antiga |
| a lgvt | a bicha velha |
| a glbt diversidade | a bicha louca |
| a oi diversidade sexual oi glbt | a bicha molotov |
| a todo mundo do ele ge be te ks ka i a ka não que i a beijo | a bicha bomba |
| a lgbt têm que bota agora tem que botar o ge o i e o a tá essa sigla tá ficando grande tamo juntando e estamos vencendo | a bicha pão com ovo |
| a so we got 1 legendary g gorgeous b beautiful all of you beautiful people t tantalizing and even q for quality | a bicha preparada |
| a povo animado | a bicha das referências |
| a queer | a bicha truqueira |
| a queer ? | a bicha terceiro mundista |
| a cuir | a bicha a senhora é destruidora mesmo |
| a paraíso cuir | a bixa travesty |
| a apocalypse cuir | a bixa travesti de um peito só o cabelo arrastando no chão |
| a deixar o cu ir | a bixa preta tra tra tra |
| a deixar o queer | a bixa poc poc |
| a bicha | a besha |
| a bichinha | a bissinha |
| | a bi |
| | a biu |

| | |
|---|--|
| a biba | a monete |
| a boba | a monilde |
| a boiola | a menine |
| a boyola | a desmunhecada |
| a baitola | a afetada |
| a boneca | a afeminada |
| a mucheca | a feminina |
| a pintosa | a masculina |
| a tchôla | a bofe |
| a xixa | a jura que é bofe |
| a bambi | a bofinho |
| a viada | a bofão |
| a criança viada | a bofy |
| a rainha das águas | a nboyfriend |
| a travesti da lambada | a boy magia |
| a mulher viado | a padrão |
| a dessa vez o viado ahazou | a barbie |
| a ele é viado ele é bichinha e também ele é gay | a twink |
| a atendemos também gays | a ursa |
| a onde têm gay têm paz ? | a lontra |
| a canta uma música pros gays | a encubada |
| a bota a cara no sol | a ativa |
| a pintosa | a passiva |
| a se joga pintosa põe rosa | a passiva-agressiva |
| a mona | a hard pass |
| a mono | a passiva tóxica |
| a não-mono | a versátil |
| a monocó | a sou da paz passiva paz paz da paz paz e amor negócio de briga eu não gosto não |

| | |
|--|---|
| a passiva é da paz e ativa é da guerra | a garganta profuda |
| a nem ativa nem passiva latina | a depósito |
| a américa | a pau de mulher |
| a marica | a piri-pi-iri-pi-iri pi-pirigosa |
| a maricona | a pirigoso |
| a américa é marica | a pirigete sangalo |
| a estados unidos não é américa | a curupirinha |
| a buenas noches latino américa e el resto del mundo supongo que hola | a que tá doida pra dar |
| a sul do mundo | a sou que nem pimenta só come quem aguenta |
| a sudaka | a que fortalece as quatro da madrugada |
| a trava línguas | a que tem muito talento |
| a subversiva | a ela não quer pau ela quer paz |
| a efêmera | a eguinha pocotó |
| a etérea | a grandona pra caralho |
| a erótika | a tô a procura de um homem que vai me deliciar |
| a bayblade | a meu nome é lia clark e aqui não tem frescurinha |
| a dacu | a arigato arigato a minha bunda eu não dô, sayonara sayonara eu só faço é chupa |
| a dako é bom | a tchutchuca |
| a calma minha gente é só uma marca de fogão | a cadela |
| a queima rosca | a cachorra |
| a morde a fronha | a devir cachorra |
| a bate bunda | a devir bucica |
| a que cool é esse ? | a aqui não é romance |
| a dedo nucúé tão bom dedo nucúé tão gostoso | a gente quer romance |
| a tira peruca com a bunda | a foi ótimo |
| a tira piroca com a bunda | a vintchy reais |
| a boquete parafuso | |

| | |
|---------------------------|--|
| a pau no cu do mundo | a camp |
| a quenga | a kitsch |
| a venenosa | a mequetrefe |
| a naja | a non binary bruja experimental diva |
| a cobra rasteira | a the library is open |
| a bota de phyton | a ten across the board |
| a profana | a femme queen |
| a cristã | a butch queen |
| a católica | a boyceta |
| a crente | a cuceta |
| a crente do cu quente | a coytada |
| a evangê | a bunita |
| a pastora | a ela não é feia nem bonita |
| a missionária | a bonita e engraçada |
| a pelo amor de deize | a eu sou toda natural eu sou bonita pra caramba |
| a demônia | a miss beleza |
| a the monia | a fashionista |
| a tia | a modelo meu amor |
| a senhora | a minha filha veio na janela da topic ? porque meu amor olha só |
| a irene | a choque de monstro |
| a cacura | a palhaça |
| a jogo da velha | a sheclow |
| a guei mendierval | a chiclow |
| a chique | a drama queen |
| a chic chic | a medrosa |
| a gambiarra chic | a cínica |
| a cunt | a covarde |
| a eu profetizo muito cunt | a sonsa |

| | |
|---------------------------|---|
| a injusta | a serginho orgastic |
| a do bonde das rejeitadas | a bryanna nasck |
| a sereia do asfalto | a mandy candy |
| a faraônica | a laila dominique |
| a babilônica | a josy babado |
| a mesopotâmica | a domdom |
| a cleopátrica | a minha amiga tiaga |
| a lacrônica | a gente não nasceu pra ficar louca e sim pra nós brilhar e ser estrelas na nossa cidade |
| a divônica | a jorgina kalahara a cascavel do piauí |
| a bafônica | a bombola star |
| a bafonérica | a bom dia brasil boa tarde itália |
| a apoteótica | a natasha buonasera natasha buonasera katuxa |
| a nabucodonossoriana | a transfeminista multidimensionale primitiva futuribile non binaria aerodinamica liquida pansessuale passato futuro passato futuro presente presente presente ah transfeminista diva multiforme multidimensionale trasversale travestita di vento divertita tramutata in luce primitiva diva futuribile mutaforma morbido travestita di fuoco sessuale pansessuale ah transfeminista |
| a diaspórica | a quem é ela |
| a estratosférica | a quem é você |
| a astronômica | a você sabe quem sou eu |
| a ultrasônica | a natasha caldeirão |
| a arrasante | a policial disfarçado |
| a mao tse tunguiana | a quando eu vi a bicha a confusão eu peguei e disse bicha que é isso mulher ela pegou foi e disse é yasmin eu digo yasmin que é isso mulher ela pegou e disse mulher a bicha eu peguei ow bicha o que foi isso mulher ela disse ói não se meta |
| a tutancamônica | a mona você é maluca com todo respeito |
| a sambástica | |
| a cristo redentônica | |
| a tupiguaranítica | |
| a revolucionária | |
| a magnânima | |
| a avassaladora | |
| a big big | |
| a bota pó | |

a então tá então tá bom

a não tolerarei

a quem é você pra falar mal da madonna ? quem é você pra falar mal de uma diva que já é consagrada ? uma mulher que está sentada em bilhões de dólares uma mulher que faz negócios milionários que tem um homem jovem aos seus pés que aos 56 anos de idade veste 38 querida você manda esses vídeos nesse seu quarto onde o piso tá quebrado ! aonde você dança com essa sua bunda murcha tá entendendo ? com esse seu salto que é maior que o pé ! cê não se enxerga não gata ? dá licença ! você envergonha a classe dos gays ! ser gay hoje meu bem é ser chique ter estudo é ser viajado é falar outros idiomas acorda querida ! volta pra escola meu bem eu quero dizer uma coisa pra você enquanto você tá falando mal da madonna ela está fechando agora negócios bilionários querida e você ? você tá aí reclamando da tim que a tim comeu seu crédito meu bem eu só quero dizer uma coisa pra você acorda honey dá licença você pode falar de quem você quiser mas de madonna você não fale ! esse é meu recado pra você beijo !

a comigo é assim é no paetê se não brilha corta

a que têm prótese a gente sente né nicole

a se coloca no lugar dela cinco segundo você vai entender a verdadeira história da vida dela

a ariele sainara ashley taylor close bittencourt lemos de ravache cariolans

a lohane vêkanandre sthephany smith bueno de ha ha ha de raio laser bala de icekiss

a nati natini natili lohane savic de albuquerque pampic de la tustuane de bolda mais conhecida como danusa daisy medly leona meiry cibebe de bolda de gasparri a mulher jamais falada a menina jamais igualada conhecidíssima como a noite de paris poderosíssima como a espada de um samurai apertada como uma bacia enxuta como uma melancia tem dois filhinho um zolhudinho e o outro barrigudinho casou com o dono da parmalat virou mamífera só mama pertence à família imperial brasileira orleans e bragança penetração difícil

a eu sou mais do que você eu sou o que você quer ser um dia só que eu bato no peito e tenho disposição pra assumir subir você é incubado

a um novo nome

a um novo mundo

referências

anzaldúa, gloria. **a vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. rio de janeiro: a bolha editora, 2021.

ciber_org. **bofe**. palestra-performance apresentada no seminário estéticas e artes contra-coloniais: confluindo práticas e saberes, 2024.

da quebrada, linn. **mulher**. são paulo: estúdio yb music, 2017. disponível em: <<https://youtu.be/-50huug1ppo>>. acesso em 10 out. 2024.

de perra, hija. “interpretações imundas de como a teoria queer coloniza nosso contexto sudaca, pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma”. **revista periódicus**, 1(2), 291–298.

grunvald, vi. algumas reflexões pessoais sobre a descolonização da queer. in ayerbe, júlia (org). **cidade queer: uma leitora**. são paulo: edições aurora, 2017. p. 22-33.

lemebel, pedro. **poco hombre: escritos de uma bicha terceiro-mundista**. rio de janeiro: zahar, 2023.

moira, amara. **história do bajubá**, a língua criada pelas travestis. palestra apresentada no seminário estéticas e artes contra-coloniais: confluindo práticas e saberes, 2024. disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=b_6p0lcwgig> acesso em 24 out. 2024.

mombaça, jota. não se nasce mostra, tampouco se torna. in: ayerbe, júlia (org). **cidade queer: uma leitora**. são paulo: edições aurora, 2017. p. 16-21.